Alfragide, 02/I/1996 (já?)

Querido Artista Cruzeiro Seixas,

UNIVERSIDADE DE ÉVORA
Arquivo FCS | 01.178.09

Depois de tentar, dezenas de vezes, contactá-lo, telefonicamente, até permanecer convicto de que fora se encontrava nesta convencional quadra, não bastou o meu entusiasmo telefónico, de há momentos, para o tornar ciente da GRATIDÃO E DESLUMBRAMENTO que à Maria Alexandra e a mim nos avassalaram, pela sua generosa oferta da collage "NUVENS NEGRAS"! Melhor: para exprimirmos, em uníssono, o nosso júbilo perante tal obra! "Gracias, gracias!"

Para nós, constitui um empedrado áureo no final de um caminho anual quase todo ele atravancado pela secata! Completo hoje um ano seguido de desemprego ...

Como creio que se extraviaram, remeto-lhe, de novo, fotocópia da "Odisséia", volume luxuoso da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, onde falo de outro mago, Álvaro Cunqueiro; e o livro relativo a 1995 da Academia Brasiliense de Letras, no qual evoco, como semente de arte, o meu amigo Cruzeiro Seixas, ao lado de dois de seus companheiros de viagem. Hoje, pela morte e pela vida, perdidos!

Autoriza a reproduzir, numa de seus futuras capas, um de seus trabalhos, do livro da "SOCTIP"?

Reatei a minha colaboração no "Douro e Neve" (Vim em 15/XII/95 "A Família Real Pessoana"? Só que a reprodução do quadro do Michael Barrett "O Infante D. Fernando ficou péssima!). Num dos próximos números publicarei, "Dios mediante",

UNIVERSIDADE DE EVORA
Arquivo FCS 01.178.09

um artigo sobre o meu amigo, aludindo, especialmente, [redacted] aos seus textos no catálogo de uma das duas exposições, e [redacted] aos títulos de muitos de seus quadros que constituem belíssimos versos (julgo que ninguém pôs no microscópio crítico este fosforescente formenor da sua obra!)

Também termino agradecendo: pela sua anuência amável, de há semanas, em consentir que, se publicar, antes de morrer, o meu livro de textos e poemas surrealistas "Tábua; fatia; nenhures"; o rosto do recém-nascido recolha um seu quadro!

Abraços, fraternos, e gratíssimos, dos seus admiradores

Maria Alexandra

e Tito Iglesias

TITO IGLESIAS
R. JOAQUIM QUIRINO, 10 - 3º, DTO.
2780 TAPADA DO MOCHO - PAÇO DE ARCOS.

Tel: 442 14 19 ou 471 66 12 (Alfazida)

Odisséia

março/outubro 1995

UNIVERSIDADE DE ÉVORA
Arquivo: FCS

Ó juvenil Cruzeiro Seixas (pela sua obra e seu espírito): se lhe apetecer, coteje o original galego com a minha tradução portuguesa. Ignoro se traduzo bem; porém, faço-o com amor.

Tito Iglésias
(Maio de 1995)

UFRN-CCHLA

VOLUME PUBLICADO PELA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE EM NATAL, NOVº DE 1995.

01.128.07

01.178.09

A LÁGRIMA DE UM CAETÉ, uma nova página do indianismo brasileiro
Constância Lima Duarte
9

AUTA DE SOUZA, O PÁSSARO, entre flores e crianças
Tereza Amorim Piauílino
33

LUÍS CARLOS GUIMARÃES, visão e revisão da poesia
Paulo de Tarso Correia de Melo
45

A CENA DO CORPO, cem anos de Almada Negreiros
Selma Calasans Rodrigues
55

CUNQUEIRO, mago da poesia galega
Tito Iglesias
61

NEWTON NAVARRO fala sobre coisas várias que amou e desamou na vida
Sanderson Negreiros
63

O MOVIMENTO MODERNISTA NAS ARTES PLÁSTICAS EM NATAL
Antônio Marques de Carvalho Jr.
71

MARIETA LIMA, professora de arte
Vicente Vitoriano
77

A EPOPÉIA NAS PERSPECTIVAS DE ADORNO, HORKHEIMER E AUERBACH
Humberto Hermenegildo de Araújo
81

PARECE, OU EU ME ENGANO, QUE ESTA FONTE..., da impossibilidade de ler o original
Ilza Matias de Sousa
95

O PAPEL DO LEITOR NA GÊNESE DA COLETÂNEA DO IRMÃOS GRIMM
Sylvia Maria Trusen
103

DESCIDA AO INFERNO DOS HOMENS
Maria da Penha Casado Alves
119

O MITO DE FAUSTO, literatura e cinema em *Mephisto*
Márcio de Lima Dantas
127

O CONTO *O DUELO* DE JOSEPH CONRAD E O FILME *OS DUELISTAS* DE RIDLEY SCOTT
Antônio Eduardo de Oliveira
139

E POR FALAR EM ZARATUSTRA...
Iracema Macedo
145

01.178-09

CUNQUEIRO, mago da poesia galega

Tito Iglesias

Entre a mais alta poesia da península ibérica que em torno da morte gravita, urge incluir, serena e convictamente, *O Reconhecimento de Harold Godwinson*, poema galaico do cultíssimo escritor Álvaro Cunqueiro. Criação bem digna de ombrear com a pulquérrima e fulgurante elegia de Lorca *Llanto por Ignácio Sánchez Mejias*.

A intensa emoção que do referido poema galego se desprende; o formoso retrato de um grande amor esquartejado por hórrida chacina bélica; as precisas e afiadas palavras que o poeta da Galiza maneja — articulam um magistral, inolvidável tríptico da Idade Média.

Não se descobre em todo o Romanceiro Velho, das Espanhas, nem no Cancioneiro, edição de Nunes, um poema tão burilado e tão arrepiante como aquele, anexo, que do galego traduzimos, muito embora as folhas medievais, onde Cunqueiro bebeu e que às mãos nos têm chegado, se encontrem vivamente tingidas pela violência, e das mais bárbaras mortes humanas repletas. O que não impede Cunqueiro de habitar as mais altas torres e janelas do lirismo.

Embora sofra aparente eclipse a sua produção poética, provocado por sua forte fama de prosador (prosa, na verdade, estética e qualitativamente muito valorizada pelo pendor, ritmo e cintilância poéticos), consegue ser Álvaro Cunqueiro um dos maiores poetas galegos de todos os tempos.

Para aqueles que em leituras nunca com ele se cruzaram, esclareço que Alvaro Cunqueiro Mora-Montenegro fitou o mundo, pela vez primeira, na histórica cidade de Mondoñedo, provincia de Lugo, em 1911, havendo estudado filosofia e letras em Santiago de Compostela e se guindado, como jornalista, à direção do *Faro de Vigo* — um dos mais antigos jornais da Espanha, ainda vivo — tendo deixado de criar apenas em 1981, ano da sua morte.

Tito Iglesias é poeta espanhol educado e residente em Portugal.

O RECONHECIMENTO DE HAROLD GODWINSON

Álvaro Cunqueiro
Tradução do original galego por Tito Iglesias

Noite de cinza tombou sobre a terra
lanternas circulavam sós
por entre os mortos
e nas feridas
do mais ferido de todos
Edith Swanehals incidir fazia
a luz violeta dos seus olhos,
indagando se aquele era Harold, filho de Godwin
que ela amara tanto.
E aquele mesmo o era,
a boca pela qual fugia um fio de sangue
pousada na boca térrea deixada por uma toupeira.

O cântico do mar vinha de longe.
Sentou-se Edith
contigua ao morto
e com branco fio retirado da sua fantasia
para tapar os olhos do Monarca
a tecer começou pequeno pano.

Escutava-se o mar, e também as folhas secas do bosque
redemoinhando pelos caminhos entre os outeiros.
Foi a derradeira caricia de Edith
aquele quedo modo de tecer
— agulhas iam e vinham em silêncio —
perto do morto, e quando a lua saía
misturou fios azuis da luz viajante com os dela,
movendo-se as mãos como quem embala uma criança.
Certa de que era Harold aquele morto
o olhar violeta de Edith penetrava mais e mais
nas escuras feridas,
reconhecendo o sangue do amante, e mais a morte ainda.

Assim Edith já estava cega
quando lhe perguntaram quem
entre aquelas sessenta dúzias de mortos
era Harold.
— Este era — ciciou, localizando-o, às apalpadelas —
quem cantar os rouxinóis fazia
nas noites de verão
quando me beijava e me dizia
— Swanehals, Colo de Cisne, envelheceremos juntos,
porém tu mais lentamente.

01.178.09

RECOÑECIMENTO DE HAROLD GODWINSON

Unha noite de cinza caíu sober da terra,
as linternas andaban soias por entre os mortos
e nas feridas do máis ferido de todos
Edith Swanehals poñía a luz violeta dos seus ollos
por si aquel era Harold, fillo de Godwin
que ela amara tanto.
E aquel mesmo era
a boca pola que saía un fío de sangue
pousada na boca terrea dunha toupeira.

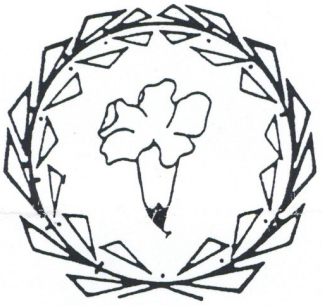
Viña de lonxe o canto do mar. Edith sentóuse
a carón do morto
e cun fío branco que tiróu dos seus soñares
comezóu a tecer un pequeno pano
pra tapar os ollos do Rei.

Escoitábase o mar, e máilas follas secas do bosque
arremuiñando nos camiños entre os outeiros.
A derradeira caricia de Edith foi aquel calado tecer
perto do morto, e cando saía a lúa

misturóu fíos azúes da luz da viaxeira cos seus
—as agullas iban e viñan en silencio
as máns movéndose coma quen anaina un neno
asegurándose de que aquel morto era Harold
o mirar violeta de Edith adentrábase máis e máis
nas escuras feridas,
recoñecendo o sangue do amante, e máila morte.
Así foi que Edith xa estaba cega
cando lle preguntaron quén
entre aquelas sesenta ducias de mortos
era Harold
—Éste, dixo sinalando, a tentas,
que facía cantar os reiseñores nas noites de verán
cando me bicaba e me decía
—Swanehals, Colo de Cisne, envelleceremos xun-
[tos
pro tí máis lentamente.

—De «Novos Cantos: Cantos de Hastings», 1966.—
(Revista «Nordés», núm. 1, 1975)

REVISTA DA ACADEMIA BRASILIENSE DE LETRAS



UNIVERSIDADE DE ÉVORA
Arquivo 108 | 01-178-09

ANO XIII — Nº 14 — BRASÍLIA — 1995

Ao gigante Cruzeiro Seixas — que o Portugal "pimba" desconhece — e se lhe chegasse às ventas repudiaria, pela sua etérea delicadeza e criatividade, com as homenagens espanholas, do "português"-anti-"pimba"...

Tito Gloria

(Dezembro de 1995)

REVISTA DA ACADEMIA BRASILIENSE DE LETRAS

ANO XIII Nº 14 BRASÍLIA NOVEMBRO 1995

Direção: ANTONIO CARLOS OSORIO
Conselho Editorial: ANDERSON BRAGA HORTA, CARLOS CHAGAS, CASSIANO NUNES, DOMINGOS CARVALHO DA SILVA, FERNANDO MENDES VIANNA, JARBAS PASSARINHO, JOSÉ CARLOS BRANDI ALEIXO, JOSÉ SANTIAGO NAUD.

SUMÁRIO

Pág.
— Palavra inicial – A. C. O. 7
— Discurso de posse de Oscar Dias Corrêa 8
— Discurso de Jarbas Passarinho recebendo Oscar Dias Corrêa 28
— Presença do Brasil na cultura de Cabo Verde – Cassiano Nunes 36
— Literatura e Judiciário – Marcos Vinicios Vilaça 50
— O Português no mundo contemporâneo – A. Fonseca Pimentel 58
— Pontas do mesmo laço – Raul Leal (Henoch) e Tito Iglesias 62
— Centenário do discurso de José Martí sobre Simon Bolivar – J. C. Brandi Aleixo 69
— Moacyr Felix, o poeta – Nelson Werneck Sodré 76
— O múltiplo perfil de um poeta – Anderson B. Horta 79
— Joaquim Manuel de Macedo: Espelho Mágico do II Reinado – Tania Serra 83
— A poesia do equatoriano Gonzalo Escudero – Fernando Mendes Vianna 96
— Ainda Nelson Rodrigues e eu – A. Fonseca Pimentel 104
— As duas culturas e o novo humanismo – José Carlos de Almeida Azevedo 113
— Emanuel Medeiros Vieira – Memória em frag-aumento... – Celestino Sachet 118

FICÇÃO

— Elefantes e nuvens – J. O. de Meira Penna 125
— Uma nuvem espessa apagou o sol – Zita Andrade Lima 135
— Fumantes de todo o mundo, uni-vos – Carlos Chagas 138
— Três crônicas e um apólogo – Antonio Carlos Osorio 141
— O planejador – Jarbas Passarinho 148
— O necrologista – Oscar Dias Corrêa 155
— A paixão, segundo Juana Inés – Roberto Aurélio 164

PONTAS DE MESMO LAÇO

Raul Leal (Henoch) e Tito Iglesiaš

Publicam-se a seguir dois textos compreensivos da cultura de língua portuguesa em seu flanco europeu, propícios à abordagem da riqueza que lhe conferiu a extraordinária expansão por territórios do continente americano, africano ou asiático.

O culto do Espírito Santo, em sua dúplice visão ortodoxa ou heterodoxa, e a adesão libérrima ao Surrealismo despertam em nós valores insuspeitados, virtualmente ativos no inconsciente marítimo de cada um. Assim, o poema de Raul Leal, cujo original a generosidade de J. Pinharanda Gomes me ofertou em Lisboa, quando nos primeiros anos da década de 1970 eu investigava a filosofia portuguesa, com bolsa da Fundação Gulbenkian, e a prosa poética de Tito Iglesias, escrita no ano passado de 1993, constituem pontas de um mesmo laço, que nos une e desata as vastidões do idioma.

Do primeiro, acompanha minha versão o fac-símile respectivo; do segundo, longos anos convivente entre nós, desde os pampas ao planalto central, falam em suas letras a saudade e o favor de quantos tiveram o privilégio de conhecê-lo. J. S. N.

1. Raul Leal (Henoch): (*Mártir do Oculto – Salmos II*) (*)

Sou a encarnação
De toda a humanidade,
No que ela tem de mais abjeto
E de mais alto...
Arrastado pela vida,
Às vezes
Eu viro lodo,
Escarro ignóbil,
Mas logo
Eu Me elevo às estrelas
Para Me identificar profundamente
Com a própria luz
Do Além...
Minha alma e Minha vida
Estão feitas de contrastes surpreendentes,
Claro-escuro todo poderoso
Que Me obriga a mergulhar

Nas trevas do opróbrio
Para logo fazer-Me
Resplandecer nos Céus
Em Graça e Glória eternas
Que afinal me arrebatam
Ao reino sublime
Do Astral e de Deus...

Oh, Pura Essência de Minha alma,
Espírito mágico que infundes em Mim
O Universo inteiro,
Faze que todo o Meu ser
Concentre-se apenas em Ti
Para que eu possa absorver-Te
Em mística exaltação,
Senhor formidável
Da Vida convulsa...
Escuta Minha prece,
Plena de êxtase,
Oh, Deus sublime
De Minha alma apodrecida,
Transporta Meu ser
Às regiões astrais
Para que Eu possa viver
Absolutamente
Teu poder supremo,
Tua inaudita grandeza...
Destrói para sempre
A vasa execrável
De Minha ínfima existência
Que Me inunda de podridão,
Alça-Me enfim
Desta vil abjeção
E que Eu possa Exaltar-Me
Pelo Teu Espírito tempestuoso
Para arrebatar Minha alma
Nos espasmos convulsos
Da Luxúria Divinizada!...

Janeiro 1928

2. **Tito Iglesias**: *Um naco onomatopaico, inspirado no som da máquina de modelar próteses poéticas (*)*

Aquela Vênus de Milo tinha a boca cheia de rimas inaudíveis e de invisíveis grainhas de uva. Porque as cuspia – a cada cinzelamento do nervoso escultor – de braços não carecia... Assim, eram os decepados braços cúmplices do vôo das grainhas. E também, antes e após cada golpe, se escutavam, ritmicamente, as escondidas rimas.

Mas por que esborrachei eu cinco formigas sobre o branco tampo marmóreo por onde corriam? E por que só essas cinco, ao ziguezague do acaso, na laboriosa fila? Teria ocorrido pelo contraste da cor, ou pela sua irritante mobilidade perante a sempre sólida e fria impassibilidade do mármore? Mistérios numéricos ocultos no interior da mente e acionando os inconstantes dedos do instinto...

Absortos, alguns filósofos gregos limpavam os seus dentes incisivos, à sombra do Partenon, com os palitos obsessivos das idéias. Mas não os caninos, para os quais reservavam, coerentes, um osso hedonista... Criação consiste – ó bárbaros e passivos povos, espectadores de TV – em palitar os dentes brancos de uma página em branco, na brancura de um livro, com idéias agudas! E, como exemplo, em umedecer e plantar, no nada, as fecundas sementes caídas da imaginação de lusos surrealistas (Cesariny, Cruzeiro Seixas, António Maria Lisboa & Poucos Mais, pois vários outros apenas embusteiros flibusteiros terão sido!).

Um urso pesado, do porte de um granadeiro, calcou, para sempre, há muitos lustros, a débil planta jovem que seria o primeiro pinheiro de Natal, da idade adulta, de minha tia. Tia tristíssima para toda a vida, sabedora que a pata do passado esmagara o que seria a sua verde arvorezinha privativa. E tia para sempre séria, formando docilmente fila para a sua ração diária de melancolia.

Mas não sejamos torrenciais, neste "cadavre exquis", ó meu irmão siamês! No parágrafo que a mim me cabe, a seguir, tornar-me-ei sintético: sobre a alvura de uma calvície (definição de cogumelo), eis um chapéu-de-chuva conservadoramente preto.

Ao entardecer, ratos ociosos vinham às amuradas do sótão e às bibliotecas municipais de Lisboa, após consultar e roer as páginas amarelas, tocar violino. Rato (mas só mentalmente) rima bem com o verbo roer. E aqueles ratos sábios roíam cordas até se fartarem, mas não eram os ratos do rei da Rússia. Mas certa aluna – aquela mulher jovem e branca, de cabelos negros – era qual violino, ondulado pela volúpia, que o velho professor de música não sabia tocar. Nem roer. Autocrítica (apalpando o tecido de veludo do verbo tocar): com algum requinte lingüístico, tanger soa mais canoramente. E é mais peculiar de violino. Mesmo para quem só, como eu, efectua, como artífice, ninhego e galego, simples obturações de poemas antigos. Mas que nunca pretende ser articida.

Naquele cantão com brasão, em todos os vigésimos sextos dias de cada mês, atrás de um biombo pudico permitiam tocar bombo sobre o chapéu-de-coco do Presidente (com todo o respeito) da República. Bosta deveria ser escrita sempre com letra maiúscula! – digam-no à míope, ou melhor distinguindo, míope ratazana

---

Seixas amigo:

perdoe o "Remedecer" sem "h", e "otras cositas más", porém são exigências da brasileira grafia.

Abraços.

Tito

Eustáquia, que circula pela Baixa com pretensões de jornalista. E o vocábulo ratazana, no meu entender, por seu asqueroso pêlo molhado, próprio dos esgotos ulissiponenses (nunca uma cloaca atraiu para suas águas adjetivo de tamanho esmero) bem poderia ser acentuado. Assim: ratázana, perfidamente esdrúxula... Zénite, zircónio, zoófago e zoógrafo são palavras acentuadas pelo z, ou pelo acento agudo? E, perante tal modo de zunir, ou de zurrar, melhor não seria "azentuadas"? – interrogo-me, com modéstia, meditando na minha tardia arte de bem inventar a toda a sela.

Surrealismo, ó académicos de peludas mãos vendadas e de brancos joelhos ocultos, não é, admitam-no, piromania! E, num arquipélago próximo, seria Gauguin um doente no percurso final? Ou, afinal, não um paciente mas um pincel? Pincel bebendo, como um cavalo, na sua paleta. Ou pincel molhado em cores quentes? Ó puristas, com vossas gigantescas borrachas de apagar erros ortográficos do proletariado, debaixo do braço! As minhas sinistras associações de idéias forçaram-me a fundar, na Polinésia, a Associação dos Leprosos Mentirosos...

Continuo marchando, a passo de ganso, obliquamente, pelo passeio, sobraçando uma régua compridíssima, em direção à rubra frente de batalha. Mas que farei eu com esta verde boina de pára-quedista sobre o crânio, senão agarrar-me a ela – cheia já de ar – no momento da queda? E não quero proteger-me, eu juro, com as boinas das idéias feitas, nem arrastar-me, coxeando, pelas bermas da literatura, com o auxílio das muletas dos lugares-comuns. Mas, na verdade, prosseguirei eu, solitário, embora a duas mãos, escrevendo este texto sem policiamento? – o potente motor da motocicleta do surrealismo. E não constituirá já esta íntima interrogação – inquiridora – um súbito desvio do puro jorro de criação artística?

Espiritualmente, eu, que jamais fui a Buenos Aires, apesar da minha permanência e proximidade no Rio Grande do Sul, ia conduzindo pelo braço Jorge Luis Borges (que também – tal como eu – não logrou um Nobel), ao longo da Calle Florida, *muy florida.* Florida qual aquela longínqua parede de subúrbio, ensangüentada por palavrões. E também por bolas e riscos obscenos. De quando em vez, tropeçávamos nas consoantes, chocávamos contra a afiada esquina das sílabas, onde havia uma barbearia. Para alardearmos descontracção e confiança, íamos Jorge Luis e eu assobiando canções castiças, na penumbra. Não queríamos admitir que ambos estávamos cegos. Pretendíamos, no nosso íntimo, ser o guia um do outro... E que canções continuávamos assobiando pelas ruas e praças de Buenos Aires, inspirada e sentidamente, mesmo sem enxergar, no trajecto, o velho armazém rosado? E não será óbvio? Por Buenos Aires adiante... Não adivinha, leitor circunspecto? Mas que se poderia assobiar na famosa cidade do Rio da Prata senão *czardas*? As *czardas* do escultor dinamarquês Mário de Sá-Carneiro! (E como vos deslumbrará esta minha policultura). Moral do naco, mesmo sem molho de onomatopéia: a policultura – que é policresta – produz-me polifagia...

E Camões cogitava, na cidade do Castelo de S. Jorge, numa estátua-ventilador que, sempre que folheassem vertiginosamente "Os Lusíadas", perante as desinteressadas e sonolentas pálpebras reais, varresse, em torno, os inúmeros imbecis da corte... Isto, antes do poeta ter estátua e de ser praça... Antes que se sorteassem.

(como dele sendo,)

entre as ossadas anónimas, aquelas a transferir para o Mosteiro dos Jerónimos. E que se apunhalassem, em suas carteiras de madeira, indefesos jovens, virtuais amantes de poesia. Obrigando-os a retalhar, anatomicamente, estrofes inteiras em orações gramaticais. Como que aproveitando aquele pulcro corpo de poesia, estendido já sobre o mármore da imortalidade, para efectuar a sua autópsia.

Antes que muitas figuras históricas de Portugal fossem pintalgadas de vermelho e outras cores, após Abril, pelos anões da política a da revolução. Parcialmente cego, devido a certeiro golpe desferido pelo materialismo dos seus contemporâneos, pedia Luís de Camões esmola no Chiado, junto à Leitaria Garrett, ambos nomes de poetas posteriores, alimentados pelos fartos seios dos anacronismos...

Hoje, loja trespassada, apenas uma "boutique", onde se entra e não se permanece. Ou um belo sarcófago luso, repleto de recordações dos ex-frequentadores, onde a memória deles permanece envolta em faixas de branco linho e perfumada por desconhecidas ervas aromáticas. Encerrada há muitos anos (lia-se antes, imodestamente, num letreiro: "Esmerado serviço de chás e torradas"), mas, onìricamente, propriedade minha e do Vitorino, o qual muito ali namorou (então, quase ninguém sabia que éramos poeta e cantor). Propriedade também dos alunos de Belas Artes, de Lisboa, hoje pintores conhecidos, como o Batarda e vários mais, que, antes do naufrágio solar, se agarravam à jangada de uma torrada com manteiga.

E quedo permanecia, quase sempre, em sua mesa o João das Baratas – o doutrinador da "Garrett", com sua tímida atração por *miúdas* e seu humor subtilíssimo. Denominado "das Baratas", porquanto dedicava 0,5% do seu tempo de ócio e de riso à nobre e incompreendida arte de desinfestar casas alheias com um insecticida eficaz contra baratas, cuja fórmula herdara do pai.

"Depois das três da tarde" – insinuavam-lhe sobre as chávenas – "todas as baratas são pardas..."

Camões passava, de novo, à porta, vindo da Rua Ivens. E suplicava: "Troco um soneto por um copo de leite... Ou uma estrofe por uma torrada!"

Praia do Vau, 16/12/1993.

(*) Impossível avaliar-se exatamente as dimensões vertiginosas da geração do "Orpheu" (seja: o Modernismo português) sem a presença do Raul Leal, que relacionou seu nome ao do profeta heterodoxo Enoch e, a par de Sá-Carneiro ou Fernando Pessoa, representa com lucidez a megalomania astral e o mental esotérico, além de qualquer desespero ou mero formalismo. Quanto a Tito Iglesias, também com lucidez e pertinácia voz destacada em poesia, é um espanhol culturalmente lusitano; nasceu em Compostela, vive em Lisboa e, durante os quase dezessete anos que permaneceu no Brasil, empenhou-se em divulgar alguns dos grandes vates portugueses deste século; suas criações possuem nítidas estrias surrealistas.

Remete: Ilídio Leites
R. Joaquim Queirino, 10 - 3º, Dto
2780 Paço de Arcos.

Ao Poeta e Artista
Artur Cruzeiro Seixas
R. da Rosa, 152, 3º, Dto.
1.200 Lisboa

REVISTA DA ACADEMIA BRASILIENSE DE LETRAS

UNIVERSIDADE DE ÉVORA
Arquivo FCS 01.178.09

ANO XIII — Nº 14 — BRASÍLIA — 1995

Caro Cruzeiro Seixas,

Pra ficar releia, pois talvez encontre "algo de nuevo"

Afetuosamente, Tito

PONTAS DE MESMO LAÇO

Raul Leal (Henoch) e Tito Iglesias

Publicam-se a seguir dois textos compreensivos da cultura de língua portuguesa em seu flanco europeu, propícios à abordagem da riqueza que lhe conferiu a extraordinária expansão por territórios do continente americano, africano ou asiático.

O culto do Espírito Santo, em sua dúplice visão ortodoxa ou heterodoxa, e a adesão libérrima ao Surrealismo despertam em nós valores insuspeitados, virtualmente ativos no inconsciente marítimo de cada um. Assim, o poema de Raul Leal, cujo original a generosidade de J. Pinharanda Gomes me ofertou em Lisboa, quando nos primeiros anos da década de 1970 eu investigava a filosofia portuguesa, com bolsa da Fundação Gulbenkian, e a prosa poética de Tito Iglesias, escrita no ano passado de 1993, constituem pontas de um mesmo laço, que nos une e desata as vastidões do idioma.

Do primeiro, acompanha minha versão o fac-símile respectivo; do segundo, longos anos convivente entre nós, desde os pampas ao planalto central, falam em suas letras a saudade e o favor de quantos tiveram o privilégio de conhecê-lo. J. S. N.

1. **Raul Leal (Henoch)**: (*Mártir do Oculto – Salmos II*) (*)

Sou a encarnação
De toda a humanidade,
No que ela tem de mais abjeto
E de mais alto...
Arrastado pela vida,
Às vezes
Eu viro lodo,
Escarro ignóbil,
Mas logo
Eu Me elevo às estrelas
Para Me identificar profundamente
Com a própria luz
Do Além...
Minha alma e Minha vida
Estão feitas de contrastes surpreendentes,
Claro-escuro todo poderoso
Que Me obriga a mergulhar

Nas trevas do opróbrio
Para logo fazer-Me
Resplandecer nos Céus
Em Graça e Glória eternas
Que afinal me arrebatam
Ao reino sublime
Do Astral e de Deus...

Oh, Pura Essência de Minha alma,
Espírito mágico que infundes em Mim
O Universo inteiro,
Faze que todo o Meu ser
Concentre-se apenas em Ti
Para que eu possa absorver-Te
Em mística exaltação,
Senhor formidável
Da Vida convulsa...
Escuta Minha prece,
Plena de êxtase,
Oh, Deus sublime
De Minha alma apodrecida,
Transporta Meu ser
Às regiões astrais
Para que Eu possa viver
Absolutamente
Teu poder supremo,
Tua inaudita grandeza...
Destrói para sempre
A vasa execrável
De Minha ínfima existência
Que Me inunda de podridão,
Alça-Me enfim
Desta vil abjeção
E que Eu possa Exaltar-Me
Pelo Teu Espírito tempestuoso
Para arrebatar Minha alma
Nos espasmos convulsos
Da Luxúria Divinizada!...

Janeiro 1928

2. Tito Iglesias: *Um naco onomatopaico, inspirado no som da máquina de modelar próteses poéticas (*)*

Aquela Vênus de Milo tinha a boca cheia de rimas inaudíveis e de invisiveis grainhas de uva. Porque as cuspia – a cada cinzelamento do nervoso escultor – de braços não carecia... Assim, eram os decepados braços cúmplices do vôo das grainhas. E também, antes e após cada golpe, se escutavam, ritmicamente, as escondidas rimas.

Mas por que esborrachei eu cinco formigas sobre o branco tampo marmóreo por onde corriam? E por que só essas cinco, ao ziguezague do acaso, na laboriosa fila? Teria ocorrido pelo contraste da cor, ou pela sua irritante mobilidade perante a sempre sólida e fria impassibilidade do mármore? Mistérios numéricos ocultos no interior da mente e acionando os inconstantes dedos do instinto...

Absortos, alguns filósofos gregos limpavam os seus dentes incisivos, à sombra do Partenon, com os palitos obsessivos das idéias. Mas não os caninos, para os quais reservavam, coerentes, um osso hedonista... Criação consiste – ó bárbaros e passivos povos, espectadores de TV – em palitar os dentes brancos de uma página em branco, na brancura de um livro, com idéias agudas! E, como exemplo, em umedecer e plantar, no nada, as fecundas sementes caídas da imaginação de lusos surrealistas (Cesariny, Cruzeiro Seixas, António Maria Lisboa & Poucos Mais, pois vários outros apenas embusteiros flibusteiros terão sido!).

Um urso pesado, do porte de um granadeiro, calcou, para sempre, há muitos lustros, a débil planta jovem que seria o primeiro pinheiro de Natal, da idade adulta, de minha tia. Tia tristíssima para toda a vida, sabedora que a pata do passado esmagara o que seria a sua verde arvorezinha privativa. E tia para sempre séria, formando docilmente fila para a sua ração diária de melancolia.

Mas não sejamos torrenciais, neste "cadavre exquis", ó meu irmão siamês! No parágrafo que a mim me cabe, a seguir, tornar-me-ei sintético: sobre a alvura de uma calvície (definição de cogumelo), eis um chapéu-de-chuva conservadoramente preto.

Ao entardecer, ratos ociosos vinham às amuradas do sótão e às bibliotecas municipais de Lisboa, após consultar e roer as páginas amarelas, tocar violino. Rato (mas só mentalmente) rima bem com o verbo roer. E aqueles ratos sábios roíam cordas até se fartarem, mas não eram os ratos do rei da Rússia. Mas certa aluna – aquela mulher jovem e branca, de cabelos negros – era qual violino, ondulado pela volúpia, que o velho professor de música não sabia tocar. Nem roer. Autocrítica (apalpando o tecido de veludo do verbo tocar): com algum requinte lingüístico, tanger soa mais canoramente. E é mais peculiar de violino. Mesmo para quem só, como eu, efectua, como artífice, ninhego e galego, simples obturações de poemas antigos. Mas que nunca pretende ser articida.

Naquele cantão com brasão, em todos os vigésimos sextos dias de cada mês, atrás de um biombo pudico permitiam tocar bombo sobre o chapéu-de-coco do Presidente (com todo o respeito) da República. Bosta deveria ser escrita sempre com letra maiúscula! – digam-no à míope, ou melhor distinguindo, míope ratazana

Eustáquia, que circula pela Baixa com pretensões de jornalista. E o vocábulo ratazana, no meu entender, por seu asqueroso pêlo molhado, próprio dos esgotos ulissiponenses (nunca uma cloaca atraiu para suas águas adjetivo de tamanho esmero) bem poderia ser acentuado. Assim: ratázana, perfidamente esdrúxula... Zénite, zircónio, zoófago e zoógrafo são palavras acentuadas pelo z, ou pelo acento agudo? E, perante tal modo de zunir, ou de zurrar, melhor não seria "azentuadas"? – interrogo-me, com modéstia, meditando na minha tardia arte de bem inventar a toda a sela.

Surrealismo, ó académicos de peludas mãos vendadas e de brancos joelhos ocultos, não é, admitam-no, piromania! E, num arquipélago próximo, seria Gauguin um doente no percurso final? Ou, afinal, não um paciente mas um pincel? Pincel bebendo, como um cavalo, na sua paleta. Ou pincel molhado em cores quentes? Ó puristas, com vossas gigantescas borrachas de apagar erros ortográficos do proletariado, debaixo do braço! As minhas sinistras associações de idéias forçaram-me a fundar, na Polinésia, a Associação dos Leprosos Mentirosos...

Continuo marchando, a passo de ganso, obliquamente, pelo passeio, sobraçando uma régua compridíssima, em direção à rubra frente de batalha. Mas que farei eu com esta verde boina de pára-quedista sobre o crânio, senão agarrar-me a ela – cheia já de ar – no momento da queda? E não quero proteger-me, eu juro, com as boinas das idéias feitas, nem arrastar-me, coxeando, pelas bermas da literatura, com o auxílio das muletas dos lugares-comuns. Mas, na verdade, prosseguirei eu, solitário, embora a duas mãos, escrevendo este texto sem policiamento? – o potente motor da motocicleta do surrealismo. E não constituirá já esta íntima interrogação – inquiridora – um súbito desvio do puro jorro de criação artística?

Espiritualmente, eu, que jamais fui a Buenos Aires, apesar da minha permanência e proximidade no Rio Grande do Sul, ia conduzindo pelo braço Jorge Luis Borges (que também – tal como eu – não logrou um Nobel), ao longo da Calle Florida, *muy florida.* Florida qual aquela longínqua parede de subúrbio, ensangüentada por palavrões. E também por bolas e riscos obscenos. De quando em vez, tropeçávamos nas consoantes, chocávamos contra a afiada esquina das sílabas, onde havia uma barbearia. Para alardearmos descontracção e confiança, íamos Jorge Luis e eu assobiando canções castiças, na penumbra. Não queríamos admitir que ambos estávamos cegos. Pretendíamos, no nosso íntimo, ser o guia um do outro... E que canções continuávamos assobiando pelas ruas e praças de Buenos Aires, inspirada e sentidamente, mesmo sem enxergar, no trajecto, o velho armazém rosado? E não será óbvio? Por Buenos Aires adiante... Não adivinha, leitor circunspecto? Mas que se poderia assobiar na famosa cidade do Rio da Prata senão *czardas*? As *czardas* do escultor dinamarquês Mário de Sá-Carneiro! (E como vos deslumbrará esta minha policultura). Moral do naco, mesmo sem molho de onomatopéia: a policultura – que é policresta – produz-me polifagia...

E Camões cogitava, na cidade do Castelo de S. Jorge, numa estátua-ventilador que, sempre que folheassem vertiginosamente "Os Lusíadas", perante as desinteressadas e sonolentas pálpebras reais, varresse, em torno, os inúmeros imbecis da corte... Isto, antes do poeta ter estátua e de ser praça... Antes que se sorteassem,

COMO DELE SENDO,

entre as ossadas anónimas, aquelas a transferir para o Mosteiro dos Jerónimos. E que se apunhalassem, em suas carteiras de madeira, indefesos jovens, virtuais amantes de poesia. Obrigando-os a retalhar, anatomicamente, estrofes inteiras em orações gramaticais. Como que aproveitando aquele pulcro corpo de poesia, estendido já sobre o mármore da imortalidade, para efectuar a sua autópsia.

Antes que muitas figuras históricas de Portugal fossem pintalgadas de vermelho e outras cores, após Abril, pelos anões da política a da revolução. Parcialmente cego, devido a certeiro golpe desferido pelo materialismo dos seus contemporâneos, pedia Luís de Camões esmola no Chiado, junto à Leitaria Garrett, ambos nomes de poetas posteriores, alimentados pelos fartos seios dos anacronismos...

Hoje, loja trespassada, apenas uma "boutique", onde se entra e não se permanece. Ou um belo sarcófago luso, repleto de recordações dos ex-frequentadores, onde a memória deles permanece envolta em faixas de branco linho e perfumada por desconhecidas ervas aromáticas. Encerrada há muitos anos (lia-se antes, imodestamente, num letreiro: "Esmerado serviço de chás e torradas"), mas, onìricamente, propriedade minha e do Vitorino, o qual muito ali namorou (então, quase ninguém sabia que éramos poeta e cantor). Propriedade também dos alunos de Belas Artes, de Lisboa, hoje pintores conhecidos, como o Batarda e vários mais, que, antes do naufrágio solar, se agarravam à jangada de uma torrada com manteiga.

E quedo permanecia, quase sempre, em sua mesa o João das Baratas – o doutrinador da "Garrett", com sua tímida atração por *miúdas* e seu humor subtilíssimo. Denominado "das Baratas", porquanto dedicava 0,5% do seu tempo de ócio e de riso à nobre e incompreendida arte de desinfestar casas alheias com um insecticida eficaz contra baratas, cuja fórmula herdara do pai.

"Depois das três da tarde" – insinuavam-lhe sobre as chávenas – "todas as baratas são pardas..."

Camões passava, de novo, à porta, vindo da Rua Ivens. E suplicava: "Troco um soneto por um copo de leite... Ou uma estrofe por uma torrada!"

Praia do Vau, 16/12/1993.

(*) Impossível avaliar-se exatamente as dimensões vertiginosas da geração do "Orpheu" (seja: o Modernismo português) sem a presença do Raul Leal, que relacionou seu nome ao do profeta heterodoxo Enoch e, a par de Sá-Carneiro ou Fernando Pessoa, representa com lucidez a megalomania astral e o mental esotérico, além de qualquer desespero ou mero formalismo. Quanto a Tito Iglesias, também com lucidez e pertinácia voz destacada em poesia, é um espanhol culturalmente lusitano: nasceu em Compostela, vive em Lisboa e, durante os quase dezessete anos que permaneceu no Brasil, empenhou-se em divulgar alguns dos grandes vates portugueses deste século; suas criações possuem nítidas estrias surrealistas.